

**BONNICI, Thomas (Org.). *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: Eduem, 2009. 491 p.**

O livro *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais*, organizado por Thomas Bonnici, é uma espécie de continuação e aprofundamento de *O pós-colonialismo e a literatura*, publicação anterior também editada pela Eduem, em 2000, reimpresso em 2004. É resultado direto da reunião de ensaios de pesquisadores de literaturas pós-coloniais, dedicando especial atenção aos fenômenos da resistência, tanto a violenta quanto a não-violenta, através da investigação de textos históricos e romances canônicos e contemporâneos, por meio dos quais é revelada a identidade e a condição dos sujeitos coloniais. O autor parte do pressuposto de que o colonialismo tem como essência a violência, processos de dominação, desumanização, encontrando sua versão contemporânea através da globalização capitalista que, alienada de qualquer ética, em consequência, gera reações diversas, que podem se expressar por meio da violência ou da intervenção. Desta forma, segundo o autor, o conceito de resistência encontra-se no cerne do projeto do pós-colonialismo, o que é demonstrável mediante a sua efetiva prática durante os anos de consolidação do colonialismo capitalista da era moderna.

O livro encontra-se dividido em doze ensaios, dos quais oito são assinados pelo organizador, além de um epílogo, em que discorre sobre a ética da resistência. Os demais autores, pela ordem de aparecimento no livro, são: Saul Bogoni, Elis Regina Fernandes Alves, Alba Krishna Topan Feldman e Leoné Astrid Barzotto, com ensaios diretamente ligados à estética da diáspora, resistência ou “revide” do sujeito colonial. Os textos abordam obras da literatura brasileira (Aluísio Azevedo e Machado de Assis), britânica (H. R. Haggard, Marina Warner e Andre Levy), caribenha (Caryl Philips), guianense (Pauline Melville), nigeriana (Chimamanda Ngozi Adichie), moçambicana (Mia Couto, Lina Magala e Bernardo Honwana) e sul-africana (Nadine Gordimer, J. M. Coetzee), além de textos etnográficos do Brasil colonial e imperial (Pero Vaz de Caminha, Hans Staden, Botelho de Sampaio, Thomas Bigg-Wither) e do Paraná espanhol (Antonio Ruiz de Montoya), utilizados no livro para desvendar os mecanismos do poder colonial e, igualmente, auxiliar na recuperação da subjetividade do sujeito colonial através do revide violento, embora a maioria dos textos analisados enfatize a intervenção não violenta. Os ensaios, deste modo, abarcam os conceitos discursivos de paródia, cortesia dissimulada, hibridismo, mímica, convivialidade multicultural, ambiente distópico, construção de comunidades, sobretudo no sentido de analisar a modalidade não-violenta de

intervenção, tida como mais eficaz na subversão da hierarquização e centralidade infligidas pelo colonialismo às sociedades coloniais do passado ou contemporâneas.

O ensaio de abertura, “Problemas de representação, consolidação, avanços, ambigüidades e resistência nos estudos pós-coloniais e nas literaturas pós-coloniais”, também assinado por Bonnici, discute justamente o estatuto dos estudos pós-coloniais, partindo da definição de *colonialismo* como “opressão militar, econômica e cultural de um país sobre um outro” (p. 21) e alcançando o conceito de *pós-colonialismo*, problematizando-o e definindo-o como “uma práxis social, política, econômica e cultural objetivando a resposta e a resistência ao colonialismo” (p. 23), partindo em seguida para a discussão acerca das ambivalências, ambigüidades e problemas intrínsecos ao conceito e ao objeto dessa nova estética. Conforme menciona o autor, o pós-colonialismo envolve cinco aspectos: a) o debate acerca das ex-colônias e sua denominação considera o *arquivo temporal* – tempo entre a independência do país e a atualidade – e o *arquivo ideológico* – influência de uma potência européia do momento da invasão até a atualidade; b) um novo modo de vida, característico de nossa época, chamado *dwelling-intravel*, que tematiza os “estranhos efeitos literários e sociais de uma acomodação social forçada” e a “angústia do deslocamento cultural e movimentação diaspórica” (BABHA apud BONNICI, p. 23), tornando-se um lugar pós-colonial contemporâneo; c) o cuidado em estabelecer as distinções das diversas experiências diaspóricas de comunidades distintas, a exemplo da caribenha e africana; d) o ceticismo atinente a demandas locais ou particulares; e) a focalização do “desenraizamento” como uma postura de habilitação política e epistemológica e também como uma modalidade específica de pensamento.

Assim, segundo Bonnici, o estudo da literatura pós-colonial deve se ater à análise do contexto cultural vivido pela região afetada pela colonização européia, uma vez que este é um dos elementos essenciais daquela primeira. O entendimento do autor é que a literatura pós-colonial não se limita somente à cultura nacional após o movimento de emancipação política, que é a compreensão mais corrente. Para Bonnici, o termo “pós-colonialismo” abrange toda a cultura resultante da influência do processo imperial, desde o começo da colonização, alcançando a atualidade. Segundo o autor, “independente de suas características especificamente regionais, a literatura pós-colonial é o resultado da experiência da colonização baseada na tensão com o poder colonizador” (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN apud BONNICI, p. 26).

Desse modo, segundo o autor, é necessário considerar que muitos romances contemporâneos, ao contrário daqueles escritos durante o período colonial, ou imediatamente posteriores à emancipação política, sobretudo os analisados ao longo deste livro, são exemplares inequívocos de fenômenos típicos do pós-colonialismo, como a diáspora moderna, resultado direto de tensões contemporâneas, tais como guerras civis, desemprego e miséria social nas ex-colônias, o tenso e complicado relacionamento entre as culturas não-européias e a cultura hegemônica, que se manifesta através do uso da língua do ex-colonizador, agora tornada o único instrumento de coesão e união entre povos étnica e lingüisticamente díspares. Além disso, também se traduz nestes romances, de escritores negros britânicos, caribenhos, africanos e brasileiros, a questão do sujeito fragmentado, o meio distópico em que se encontram os diversos personagens e sujeitos, o deslocamento feminino e fenômenos pós-traumáticos, evidências gritantes dos resquícios de uma cultura colonial que confirmam, ao menos metonimicamente, a tentativa e o esforço, às vezes desesperado, do sujeito diaspórico em se tornar sujeito *in totum*.

No último capítulo do livro, à guisa de epílogo, o autor convida à reflexão acerca do que denomina de *ética da resistência*. Neste trecho, Thomas Bonnici comenta a questão da violência do processo colonizatório, e a necessidade de se adotar uma nova postura diante dos fenômenos literários, através dos quais a resistência e a intervenção, no contexto pós-colonial, emergem como uma categoria ideológica que engloba todos os eventos a partir da colonização até a contemporaneidade. A partir daí, considerando os textos analisados ao longo do livro, o autor propõe a necessidade de investigação de uma “literatura de resistência”, definida por Cudjoe (1980), como “parte integral da luta organizada para a libertação nacional” (p. 441), embora os textos discutidos não contemplem necessariamente a categoria de “literatura de resistência”. Ainda assim, a problemática da violência, do poder, e da resistência, aflora em todas as narrativas analisadas, tornando-se urgente uma reflexão, para além da condição pós-colonial, em sentido diacrônico, acerca da *ética da resistência* e, deste modo, sobre a moralidade da violência, qualquer que tenha sido a forma de colonização. Segundo o autor, esse encargo é indispensável perante a necessidade de revisão radical do termo “invasão abrangente”, resultado do empreendimento colonial globalizado do mundo contemporâneo, e diante dos vários modos de sujeição e suas formas de representação ficcional, bem como as diversas “reações violentas” e “não violentas” (p. 441) que são dominantes nas manifestações literárias do gênero em questão. Por outro lado, o autor propõe que, a partir da reflexão sobre as formas

consideradas violentas de resistência, através das obras ficcionais, proponha-se uma *ética da resistência* não-violenta, não armada, através da narrativa irônica e paródica, onde a voz subversiva do narrador apresenta as diversas estratégias encontradas pelos povos colonizados e excluídos de resistência e reação ao colonialismo e à globalização homogeneizantes, jamais ideadas pelo poder colonizador.

Por último, conforme afirma Bonnici, o termo “pós-colonialismo” não pode ser interpretado ingenuamente através de seu prefixo, em sua concepção diacrônica, mas sim mediante as diversas manifestações de revide, resistência e revolta analisadas em *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais*, obra na qual é confirmada a permanência e a persistência de práticas e aspirações coloniais, o que representa, por conseguinte, o imperativo de engajamento cada vez maior nos estudos pós-coloniais, através de seu discurso participativo e interpelador, uma vez que tais ideologias ainda não estão completamente extintas e, ao contrário, mantêm sua vitalidade duradoura.

**Prof. Dr. Ricardo André Ferreira Martins**

Docente do Curso de Mestrado em Letras/Literatura Comparada da URI-FW